

UNIVERSIDADE FEDERAL DE PERNAMBUCO – UFPE

CENTRO DE ARTES E COMUNICAÇÃO

DEPARTAMENTO DE ARTES

LICENCIATURA EM DANÇA

Bruna Letícia Souza Leite

**Quadrilha junina: armando reflexões das vestimentas que figuram memórias
no corpo que dança com saia**

*"Quadrilha junina: tejiendo reflexiones sobre los vestuarios que figuran memorias en
el cuerpo que baila con falda"*

Recife

2025

UNIVERSIDADE FEDERAL DE PERNAMBUCO – UFPE

Bruna Letícia Souza Leite

Artigo apresentado à Comissão Avaliadora como parte das exigências do Curso de Graduação em Licenciatura em Dança da Universidade Federal de Pernambuco.

DATA DA APROVAÇÃO

____/____/____

COMISSÃO AVALIADORA:

Profa. Dra. Gabriela Santos Cavalcante Santana
(Orientadora - UFPE)

Prof. Ms. José Roberto do Nascimento Junior
(Examinador Titular Externo – UFPE)

Profa. Dra. Roberta Ramos Marques
(Examinadora Titular Interna – UFPE)

Recife
2025

Resumo

Este artigo discute o uso das saias de armação nas quadrilhas juninas, analisando sua estética, impacto na dança, performance e construções sociais. A pesquisa amplia o debate sobre a relação entre corpo e vestimenta nessa expressão cultural, refletindo sobre seu papel simbólico e expressivo. Também aborda questões pouco discutidas entre brincantes e pesquisadores da dança junina, enfatizando a influência dessa vestimenta na movimentação e na relação do uso das saias com o corpo no contexto das quadrilhas. O artigo organiza-se em três etapas: relato pessoal da experiência com a saia, revisão teórica com autores da área e entrevistas com artistas influentes nas quadrilhas juninas. Com abordagem qualitativa, os resultados são analisados a partir de subjetividades e abordagens teóricas por meio das memórias da experiência, promovendo reflexões aprofundadas sobre o tema. Assim, pretende-se construir uma discussão mais integrativa sobre as nuances no uso das saias e sua relevância na performance e no imaginário cultural.

Palavras-chaves: saia de armação; quadrilha junina; dança; vestimenta.

Resumen

Este artículo desarrolla reflexiones sobre el uso de las faldas de armazón en las cuadrillas juninas, analizando su estética, impacto en la danza, la performance y las construcciones sociales. La investigación amplía el debate sobre la relación entre el cuerpo y la vestimenta en esta expresión cultural, reflejando su papel simbólico y expresivo. También aborda cuestiones poco debatidas entre los participantes y los académicos que investigan las danzas juninas, enfatizando la influencia de esta vestimenta en el movimiento y en la relación del uso de las faldas con el cuerpo en el contexto de las cuadrillas. El artículo se organiza en tres etapas: relato personal de la experiencia con la falda, revisión teórica con autores del área y entrevistas con artistas influyentes en las cuadrillas juninas. Con un enfoque cualitativo, los resultados se analizan a partir de subjetividades y enfoques teóricos por medio de las memorias de la experiencia, promoviendo pensamientos aprofundados sobre el tema. Así, se pretende construir una discusión más integradora sobre las nuevas perspectivas en el uso de las faldas y su relevancia en la performance y en el imaginario cultural.

Palabras clave: Falda de armazón; Cuadrilla Junina; Danza; Vestimenta.

INTRODUÇÃO

Memórias de um corpo que dança quadrilha junina de saia

Minha trajetória com a quadrilha junina começou em 2022, quando recebi um convite especial do meu querido amigo Erison, passista de frevo, dama junina e também estudante do curso de Dança na UFPE desde 2020. Na ocasião ele me convidou para dançar na *Quadrilha Junina Zabumba*. Embora hesitante no início, especialmente por nunca ter dançado quadrilha antes, decidi aceitar o convite após meu irmão também ser convidado para o mesmo grupo. Essa decisão foi profundamente influenciada pela minha ligação com a dança e a tradição junina que sempre esteve presente na minha trajetória.

Um dos elementos mais marcantes dessa experiência foi o uso da saia de armação, que eu nunca havia usado antes. Do primeiro ensaio, revivo a memória de como o peso da saia e a dificuldade em me mover com ela me desafiou. Apesar de ser um elemento de vestuário que sempre achei lindíssimo, ao assistir às quadrilhas nos arraiais e, sobretudo ao ter essa experiência, percebi a complexidade de dançar com uma saia tão volumosa.

A experiência com a saia foi também um aprendizado social, pois passei a refletir sobre os julgamentos que alguns brincantes fazem em relação às saias de armação, especialmente em comparação com saias sem armação, que são muitas vezes lidas como tradicionais, em detrimento das saias armadas entendidas como contemporâneas. O pertencimento dentro da quadrilha, levou-me a entender que a indumentária, além de ser um componente físico da dança, também torna-se um elemento carregado de significados sociais e culturais.

Em 2023, ao participar do espetáculo "*Arraes, de homem a mito*" com a *Quadrilha junina Zabumba*, pude perceber de forma mais intensa como a vestimenta impacta a dança, já que para esse espetáculo eram necessárias as trocas de roupa durante a apresentação. Todas essas experiências, vividas ao longo desses dois anos, moldaram meu olhar sobre essa tradição. A saia de armação, portanto, não é apenas um traje de dança, mas sim um elemento simbólico que conecta o corpo, a memória e a identidade cultural da quadrilha junina.

A partir dessa perspectiva, faz-se importante compreender como os elementos estéticos da quadrilha junina estão intimamente ligados a questões sociais e performativas, refletindo tanto a atualização da tradição quanto às

limitações impostas aos corpos que dançam. Acredito fielmente que não existe um “jeito certo ou errado”, e a proposta deste artigo não pretende se basear em ideias moralistas que costumamos escutar de alguns quadrilheiros dentro da comunidade junina. A extravagância como algumas pessoas se referem às saias que possuem um maior volume de armação apresenta intrinsecamente pensamentos relevantes para entender o processo de transformação desta vestimenta, sendo importante refletir sobre de forma consciente e crítica.

Por essas razões proponho, como objetivo geral deste artigo, investigar o uso das saias de armação analisando a sua estética nas quadrilhas juninas e seus impactos na dança, na tradição e nas construções sociais desse campo artístico.

Para tanto, os métodos utilizados para este artigo reúne, como procedimentos de produção de dados, a reflexão sensível das minhas experiências pessoais através de observações e inquietações referentes ao problema da pesquisa e a aplicação de entrevistas de duas artistas/pesquisadoras da dança junina, além do levantamento de dados bibliográficos. Deste modo, a pesquisa realizada no artigo possui natureza qualitativa/explicativa, onde a experiência em campo valoriza a subjetividade, a memória e o envolvimento afetivo como partes legítimas da produção do conhecimento (Minayo, 2012, p. 60-63).

A organização do artigo, por sua vez, estrutura-se em três partes. A primeira parte, subdivide-se em dois momentos: no primeiro, abordo as características gerais, o contexto histórico, as modificações decorrentes na dança e na vestimenta em sua relação com concepções de tradição e contemporaneidade. Já no segundo, as saias em diferentes expressões de dança na história e o surgimento das saias de armação nas quadrilhas juninas, tensionando questões acerca das questões de gênero que atravessam a minha experiência enquanto mulher cis e brincante da dança junina. A segunda parte do artigo, também está subdividida em: memórias que revelam questões ligadas ao processo de preparação das damas juninas, tensionadas com questões da pressão estética e performática que impactam o visual e a construção da identidade das quadrilhas juninas, finalizando com questões relacionadas às confecções e sobretudo reparos dos figurinos juninos ao qual observo algumas problematizações e sugiro algumas soluções. Por fim, proponho uma reflexão acerca de todos os assuntos discutidos ao longo do texto, observando analiticamente e sensivelmente as memórias que sintetizam as costuras do artigo.

Remodelando a quadrilha Junina: uma tradição que se veste de passado, presente e futuro.

A quadrilha junina é uma dança tradicionalmente vivenciada no Brasil, especialmente nas festas católicas de São João, São Pedro e Santo Antônio. Essas celebrações representam um espaço espontâneo para a dança, que também é acompanhada por comidas típicas, rituais religiosos e diversos costumes populares. A quadrilha mantém uma forte relevância social, cultural, artística, educacional e profissional, sendo um espaço que promove um senso profundo de coletividade, com hábitos próprios e identitários. Além disso, a dança abriga diversas expressões artísticas e conhecimentos transmitidos por meio dos saberes empíricos e da epistemologia própria dessa tradição.

Apesar de sua importância sociocultural, a quadrilha junina foi somente reconhecida oficialmente como uma manifestação da cultura nacional através da sanção da recente Lei Nº 14.900/2024. Fato que nos lembra a carência quanto ao olhar da legitimação do poder público no sentido do reconhecimento das danças da nossa tradição, afinal de contas essa manifestação cultural é realizada no Brasil desde o século XIX, chegando ao nosso território ainda no período colonial.

Quanto ao contexto histórico, o Prof. Dr. Hugo Menezes Neto, antropólogo, historiador e um importantíssimo pesquisador da cultura popular, explica em seu livro *O Balancê no Arraial da Capital Quadrilha e Tradição no São João do Recife (2009)* que:

Alguns autores apontam que a quadrilha se originou nos campos da Normandia e posteriormente foi apropriada pela elite francesa, se disseminando pela Europa como um conjunto de danças palacianas e sendo apresentada ao Brasil Colônia. Com o decorrer do tempo, a dança passa a ser incorporada pelas camadas populares e recebe a influência de variadas culturas, principalmente em contextos rurais (Menezes, 2009, p. 19-20).

Outras pesquisadoras da cultura popular e sobretudo das quadrilhas juninas na Região Metropolitana do Recife (RMR), são as Prof. Carmem Lélis e a Magdalena Almeida que juntas analisam a evolução e a importância sociocultural das quadrilhas no livro *Quadrilha Junina, História e Atualidade: Um Movimento que Não é Só Imagem (2004)*. Na obra elas elucidam que a quadrilha tinha a polca, uma espécie de valsa rápida, como música original, e foi substituída por ritmos nordestinos, como o xote, xaxado, marcha junina, baião e ciranda, se constituindo no gênero forró.

A partir do século XX, com o fenômeno da migração do campo para a cidade, as quadrilhas passaram a tomar conta dos centros urbanos e assim, variadas transformações dentro desse contexto artístico ocorreram, recriando aspectos de diferentes expressões culturais brasileiras. Com o avanço das novas tecnologias e a entrada de influências urbanas, a quadrilha se modernizou, ganhando novos ritmos e coreografias.

Quanto à sua classificação formal, Menezes (2009) informa que a quadrilha modifica-se e ganha nomes que determinam seus estilos específicos: tradicional, estilizada e recriada. Em síntese, a tradicional seria uma proposta “matuta”, aquela em que o homem e a mulher do campo são representados em suas vestimentas e trejeitos de maneira caricaturada, com roupas feitas de chita, uso de chapéus de palha e improvisação nos movimentos dançados. Já a quadrilha estilizada, é uma tentativa de remodelar o estilo original a partir dos anos 80. A exemplo disso, os movimentos passam a ser ensaiados, as vestimentas abandonam a chita e as músicas ganham moldes eletrônicos.

Em tese, a quadrilha recriada seria a remodelação da estilizada, pois são incluídos variados elementos, como a forma de se fazer o casamento junino, as vestimentas, a criação de passos novos, a incorporação de personagens além dos típicos, etc. Entretanto, esse movimento junino é constituído pela costura das diversas transformações e remodelagens que acontecem em todo ciclo junino, por isso o autor explica que:

Na atualidade as quadrilhas já não são mais determinadas por um estilo específico. Assim, independentemente de sua classificação formal, hoje os próprios brincantes determinam que seus grupos são simplesmente “Quadrilha Junina” (Menezes, 2009, p. 21).

Essas mudanças fizeram com que os espaços espontâneos da dança fossem recortados pelo tempo do passado e ganhassem novas costuras do presente: os concursos e festivais juninos. Sendo assim, no Brasil todo os grupos juninos preparam-se desde o início do ano e se apresentam nos arraiais, grupos com coreografias de alta performance e elementos cênicos sofisticados. Além das competições, há grupos que se apresentam eventualmente em palcos de teatros e ginásios, conseqüentemente se adaptando a lógicas inerentes a estes contextos. Portanto, o contexto competitivo moldou a forma de se fazer a quadrilha junina, tornando-a mais versátil e permitindo que ela pudesse se apresentar de várias

maneiras no cenário contemporâneo e isto é demonstrado, inclusive, nas indumentárias.

Roberto Nascimento Junior (2017), autor fundamental para essa discussão, ao qual tive o privilégio de ter como professor na graduação, acompanhando o processo de criação sobre o tema na disciplina *Danças Tradicionais do Nordeste 2*, elucida que:

O vestuário da quadrilha estilizada abandona o tecido xadrez, a chita e os remendos típicos, tão presentes na estética chamada matuta ou tradicional. Neste momento, passam a ser utilizados pelas 'damas' "luxo, um glamour que denota riqueza (...) lantejoulas, pedrarias, paetês e [tecidos mais caros como] cetim e lamê" (Nascimento, 2017, p.30).

Ele pontua sobre a mudança significativa das indumentárias:

Em 1992, outro importante momento com o surgimento de uma terceira estética, a qual nomeou as quadrilhas como Recriadas. Este segundo acontecimento criador geraria uma mudança significativa na indumentária feminina em que a presença de saias agora curtas, muito curtas, lenços e a "fofa" (uma espécie de roupa íntima feminina), armações de arames, bambolês, fizeram com que as damas pudessem mostrar o corpo, liberando os membros superiores e inferiores para que se aproximasse do jeito de dançar dos 'cavalheiros' (Nascimento, 2017, p. 29).

As saias de armação surgiram acompanhando esse fenômeno, já que não são mais apenas uma vestimenta típica, mas um recurso cênico, que amplia o impacto visual das coreografias, trata-se de uma saia estruturada, geralmente composta por camadas de tecido volumoso ou por uma estrutura interna (como anáguas com tule, filó ou arames flexíveis), que dá forma e amplitude à peça e em algumas se veste com a ajuda do godê.



Figura 1: croqui de figurino usado pela Raio de Sol em 2019, representando uma saia de armação. (Fonte: acervo pessoal)

Antes utilizadas com um caráter funcional e tradicional, as saias tornaram-se símbolos desse processo. Se, no passado, representavam a indumentária típica das festas juninas rurais, hoje elas são volumosas e altamente ornamentadas, reforçando a teatralidade e a grandiosidade das apresentações. Isso reflete a transformação da cultura popular¹ em um espetáculo visual para cativar o público e os jurados em competições. Essa resignificação insere novos significados na tradição, evidenciando que os trajes não são estáticos, mas evoluem conforme as demandas performáticas e estéticas da contemporaneidade. Portanto, neste sentido, convém pensar que a tradição não é algo intrinsecamente ligada ao passado, mas algo que está em constante atualização.

Esse pensamento dialoga com a própria dinâmica da quadrilha junina, pois, como o importantíssimo Mestre Didi, escultor, escritor e líder espiritual afro-brasileiro, afirma:

Quando falo de Tradição não me refiro a algo congelado, estático, que aponta apenas à anterioridade ou antiguidade, mas aos princípios míticos inaugurais constitutivos e condutores de identidade, de memória, capazes de transmitir de geração a geração continuidade essencial e, ao mesmo tempo, reelaborar-se nas diversas circunstâncias históricas, incorporando informações estéticas que permitem renovar a experiência, fortalecendo seus próprios valores (Didi apud Martins, 2021, p.34).

Apesar do referido autor se debruçar a pesquisa da tradição no contexto afrobrasileiro e da minha escrita não adentrar a este universo, sua fala contribui consideravelmente no sentido da discussão aqui proposta, já que elucida óticas mais plurais, dando a ver outros entendimentos, a partir da perspectiva da tradição de modo mais amplo. Logo, remeto essa abordagem a outro ponto questionado:

Mesmo que essas características sejam modificadas, sejam acrescidas, elas não deixam jamais de atender ao que o povo que produz quer. E o povo continua fazendo com muita força e se atende ao que ele pretende, é o apelo de quem produz. Então ele é nosso, não teria por que não ser (Lelis e Almeida, 2006, p.24).

Movida pelos entendimentos que elucidam uma ideia de tradição e a modificação da mesma como dispositivo para compreender as transformações da quadrilha junina, me refiro a *cultura popular* considerando:

Ao falar de tradições culturais estamos falando dos limites do sujeito e o legado que ele recebe. A tradição cultural popular age como núcleo

¹ O uso da categoria “cultura popular” neste artigo afirma a interlocução com os próprios quadrilheiros uma vez que estes identificam a quadrilha junina dentro deste entendimento

simbólico que expressa tipos de sentimentos, convívio social e perspectivas, que mesmo quando relidos ou manipulados remetem a uma memória longa. Haveria uma mentalidade expressa em objetos e formas estéticas que traduzem o ideal de relações intensas de espírito comunitário. Anterior ao individualismo contemporâneo. Essas relações talvez nem existam mais em estado puro, mas continuam existindo como ideia (Júnior apud Santos, 2019, p. 96).

Diante das diversas concepções sobre tradição, observo que há uma fragilidade sobre o que se entende por *tradição* na comunidade da dança junina, a exemplo do que se interpreta como *junino* ou “*não junino*”. Através da minha experiência pessoal e refletindo a partir das interlocuções com as pesquisas dos referidos autores aqui citados, sou atravessada por memórias de comentários ouvidos nos arraiais. Por muitas vezes ouvi dizer sempre que alguma quadrilha remodelou seu modo de se apresentar, que aquilo perdia a qualidade de ser junino ou em se tratando das vestimentas, que as saias sem armação remetem ao que se compreende por tradicional e as saias armadas seriam o reflexo da inovação.



Figura 2: croqui de figurino usado pela Raio de Sol em 2017, representando uma saia sem armação. (Fonte: acervo pessoal)

Nesta perspectiva, o que tenho percebido nos arraiais é que alguns padrões de confecção das vestimentas juninas, moldaram um olhar e um pensamento na comunidade junina, instaurando um choque entre tradição e contemporaneidade.

Que se convencionou no imaginário dos brincantes², dessa dança e até no público que acompanha os grupos juninos, que a saia de armação representa uma estética “contemporânea”; e já a saia sem ou com menos armação seria lida como uma saia “tradicional” e que portanto, não são consideradas como quadrilhas e sim, como “grupos de dança”. A exemplo disto, considero algumas quadrilhas que tentam romper com esse padrão de saias de armação anualmente e acabam sendo lidas como “as mais tradicionais”, são elas, as consagradas: a minha casa atual, *Quadrilha Junina Raio de Sol (Olinda - PE)* e *Quadrilha Junina Zé Matuto (Lagoa de Itaenga - PE)*. Essas duas quadrilhas possuem uma ênfase maior em relação às saias utilizadas nos espetáculos, já que anualmente produzem outros estilos de saias, que podem variar em diversos aspectos estéticos.

Portanto, considero que as saias armadas não deixam de ser da tradição junina. A tradição se move, se recorta, se remodela ao passo em que a arte invade o corpo dos fazedores dessa brincadeira popular. Quando se classificam determinados grupos em “não juninos” ou “não tradicionais”, se estabelece uma fissura no sentido da dança e na compreensão da celebração proposta pelas festividades do sagrado junino. Afinal de contas, se o propósito da dança é celebrar a vida, brincar coletivamente e preservar a tradição do São João, rememorando o passado e acenando para o futuro, a compreensão das saias de armação como algo dissonante com a tradição, tal qual a saia sem armação subjugadas como desatualizadas, não permitem vivenciar a quadrilha junina em sua tenacidade de signos multifacetados.

A quadrilha pela qual danço, brinco e celebro se configura pelos processos de mudança da tradição e remodelação das flexibilidades, embora muitas quadrilhas se restrinjam ao uso da saia de armação incessantemente todos os anos, assunto que irei tratar com mais profundidade adiante. Por isso, passado, presente e futuro são consagrados nas indumentárias, todas as vezes em que inovamos o movimento e atribuímos a ele um modo único de se fazer quadrilha nos arraiais. Portanto, esse estudo é um chamamento para a consciência sobre as generalizações, apontamentos infundados e/ou esvaziamento de sentidos.

² Os brincantes, segundo Manhães (2010), são os participantes que se comprometem com a manutenção e a atualização da brincadeira popular, atuando de forma criativa e coletiva. Essa participação vai além da diversão: eles sustentam a encenação e estabelecem uma relação direta com o público, que por vezes se mistura à performance, tornando-se parte do corpo coletivo da manifestação.

Nesta perspectiva, percebo um papel fundamental nas indumentárias juninas que acompanham a conjectura de atualização da tradição, já que evidenciam as perdas e permanências na representação das saias das damas, sendo elas também as responsáveis por comunicar ao público uma mensagem que traduz a tradição.

Além disto, convém pensar que a quadrilha junina, desde a sua origem, passou por diversos processos de ressignificação dos costumes que a moldavam, inclusive nas vestimentas utilizadas. Portanto, a quadrilha veste-se de passado, presente e futuro, se remodelando aos próprios modos de sua existência, recortando tempos e costurando-se com configurações estéticas das demandas da atualidade, não deixando assim, a tradição junina.

As saias como manda o figurino: provocações para olhar por debaixo dos babados

A preocupação com a vestimenta no contexto das danças de corte europeias (que também influenciaram os figurinos juninos) se dá desde o início do século XIV. A escolha das vestimentas para bailes importantes nas cidades-estados italianas e na monarquia francesa era uma preocupação central. Os membros da corte davam grande importância ao que vestiam, tratando suas roupas como figurinos cuidadosamente selecionados para cada ocasião, tornando a indumentária um elemento essencial na construção da identidade e do status social nesses eventos, como explica a Prof. Rayssa Menêzes (2016).

No contexto das danças clássicas, no *ballet de cour*, por exemplo, que é um espetáculo de dança, música, poesia e artes visuais que se realizava na corte, refletindo os interesses da sociedade aristocrata, a autora afirma que:

Para os homens, a convenção do vestuário confere uma certa vantagem. Os trajes do estilo romano ou os elegantes coletes vasados, bragas e meias de seda deixavam as pernas visíveis e livres, favorecendo a movimentação, em oposição às mulheres, obrigadas a lidar com saias pesadas que arrastavam pelo chão, usadas por cima de combinações e cobertas por mantos e aventais, os rígidos corpetes e espartilhos que contribuíam para a limitação dos movimentos, em prol da retilínea postura vertical (Menêzes, 2016, p. 9).

Sobre isto, ela explica que ao longo do tempo, algumas transformações ocorreram nos figurinos, até se estabelecer na cena da dança clássica, o conhecido “Tutu Romântico”. A mesma elucida que:

“As vestes dos balés de corte passam a ser simplificadas e adaptadas aos dias mais modernos, com a diminuição do comprimento das saias, facilitando a visão das sapatilhas de ponta e dos movimentos executados, desde então, graças às iniciativas durante a Revolução Francesa” (Menêzes, 2016, p. 11).

A reflexão sobre tais referências ocidentais até a observação das saias no contexto da tradição junina, apresenta a carência de mais estudos sobre as implicações entre as vestimentas e as corporeidades que vestem a tradição em contexto nacional, sendo, portanto, necessário atentar para outros contextos que neste estudo são brevemente citados a fim de trazer outros parâmetros para o tema. Nesse sentido, destaco uma observação pertinente, quanto ao que se refere à relação entre as saias utilizadas por mulheres nos terreiros de Candomblé e suas expressões socioculturais discutidas pela Prof. Alissan Silva.

Neste contexto, ela explica que:

A roupa dessas mulheres, que dominaram as vendas nas ruas de Salvador, preservam histórias da relevância cultural de sua participação, chegando a compor na atualidade um patrimônio imaterial – o ofício das baianas de acarajé além de serem conhecidas como “baianas” tanto na rua, quanto no interior do Candomblé com os trajes de festa, preservando as especificidades de cada nação, raiz e terreiro. Dessa forma, destacamos a saia como elemento agregador para essa investigação, visto que nelas estão inscritas suas origens europeias e suas influências barrocas; as imposições do vestir, para cobrirem suas “vergonhas”; os trânsitos da diáspora desenhados pela barra de suas saias no comércio pelas ruas; a escravização, o cativo e a alforria, a liberdade para si e os pares; a demarcação de imponência e poderio da mulher negra que no terreiro – espaço de sua realeza – assumiu tamanhos e arabescos das saias das sinhás de forma tão contundente, que essa tradição é perpetuada até hoje nos espaços das casas de Candomblé (Silva, 2020, p. 11).

A partir das perspectivas apresentadas, podemos afirmar que as saias representam símbolos vultosos no que diz respeito ao papel da indumentária na construção da identidade, do status social e da expressão corporal e cultural. A vestimenta transcende o simples ato de vestir-se, tornando-se um elemento estruturante na relação da identidade e do poder. Contudo, as saias também ocupam um local que carrega a história de um vestir impositivo, ligado tanto às influências barrocas quanto ao processo colonial, como é o caso da experiência do uso das saias pelas mulheres do Candomblé, por refletir um sistema de imposições sociais sobre a forma como as mulheres deveriam se portar e se movimentar.

Não por acaso, tendo em vista a conjuntura das origens da quadrilha junina e levando em consideração seu intenso processo de atualizações, convém enfatizar que:

A vestimenta das damas nas Quadrilhas Juninas passou por diversas transformações ao longo do tempo, refletindo mudanças na forma como o corpo feminino é representado. [...] Essa mudança impôs uma nova estética ao corpo feminino, restringindo sua movimentação com vestidos longos, golas altas, mangas bufantes e saias que quase tocavam o chão. Essa configuração remete à origem cortesã da quadrilha, inspirada na França, onde as mulheres usavam roupas pesadas que escondiam seus corpos (Nascimento, 2017, p.31-33).

Ademais, com o surgimento da quadrilha recriada, modificações aparecem para tecer os figurinos juninos, o corpo que antes era escondido, passa a ser mostrado, sobretudo as pernas, inclusive agregando uma peça chamada popularmente entre os quadrilheiros de *fofa*, utilizada como uma peça íntima, muito semelhante a um pequeno short, para cobrir essa área do corpo das damas, já que com essa nova forma de se vestir, as saias são curtas, acima dos joelhos e pela minha experiência nos espetáculos com essa saia, bastante pesadas. Com essa estética, as saias de armação tomam conta dos grupos juninos, acima de tudo influenciados pela maneira cearense de confeccionar as vestimentas, tornando-se um visual padrão para a maioria das quadrilhas na RMR.

Diante disso, para compreender um pouco melhor como a RMR recebe a influência do Ceará em sua estética, entrevistei a renomada artista, Leila Nascimento³. Atualmente Leila desempenha diversos papéis na quadrilha, como coreógrafa, diretora, noiva junina, etc. A respeito dessa influência cearense, em entrevista ela explica:

"[...] Um outro espetáculo que trouxe a Lumiar, né, que é uma quadrilha que trouxe vários marcos pro São João... Então, ela trouxe, lá atrás — pelo menos se popularizou — a questão do bambolê. E, em 2005, se eu não me engano — acho que é isso — em 2004 ela não saiu, e em 2005 ela veio com *Cidade Lumiar*, que tem uma referência e uma fonte aí no Ceará já. Então, um figurino leve ainda, mas, na altura do joelho, a saia e com várias cores diferentes, os cavalheiros todos de paletó preto... Então, esteticamente, pra mim, aquilo ali é um marco, né? E aí, pronto. A Tradição, com a Lumiar, eu acho que trouxeram uma nova forma de figurino para Pernambuco, pra o que estava se vivendo na época. Mas eu acho que é Brasil. E aí, depois disso, eu vejo, né, que as quadrilhas — não só aqui em Pernambuco, mas no Brasil — elas foram se 'cearalizando'"(Nascimento, 2025).

³ Mulher cis, branca, quadrilheira, turismóloga, antropóloga, pesquisadora da quadrilha junina, dançarina junina desde 1996 com a *Quadrilha Junina Raio de Sol*, que foi fundada pela sua mãe, Alana Nascimento.

Quanto ao impacto visual causado pelas saias de armação nos espetáculos, Leila concebe a saia como um símbolo da comunicação estética, enfatizando o papel central das saias de armação nas quadrilhas. Segundo ela, embora os figurinos femininos contenham outros elementos chamativos, como mangas decoradas e bordados elaborados, é a saia que se destaca visualmente. Isso ocorre porque a armação dá volume à vestimenta, ampliando a presença das damas em cena, e porque as cores vibrantes utilizadas nas saias criam um efeito visual impactante. A mesma afirma:

Então, hoje é muito comum nas coreografias você separar dama e cavalheiro, e aí as damas todas juntas, sozinhas. Existe uma expressão ali, um visual que essas saias promovem. Então hoje em dia muitas saias de armação, elas vêm com cores bem vibrantes, porque elas que gritam, elas que comunicam a questão estética. Por mais que tenha ali um corpinho, uma manga, esse corpinho muitas vezes também com bastante informações e cores e bordados, acaba que no conjunto o que sobressai é a saia, por conta da armação e dessa cor vibrante (Nascimento, 2025).

Para Carli Lima⁴, outra entrevistada da minha pesquisa. A questão do impacto visual é observada por ela, considerando a importância da saia de armação como um elemento essencial na composição estética e na execução das coreografias das quadrilhas juninas. Para ela, as saias de armação geram um impacto visual específico, contribuindo para a identidade e expressividade da dança:

Impactam de forma direta, significativa e expressiva. Claro, cada uma de maneira autêntica e particular a partir de sua composição, cada uma vai transmitir efeitos visuais diretos aos olhos de quem ver. Sendo a saia de armação um componente estético e instrumental para execução de coreografias. Pode ser uma peça incisiva para caracterização da temática abordada, assim como da mensagem ao qual o espetáculo deseja transmitir ao público, já que a saia é uma extensão da dama e a mesma deve ser planejada para encantar e executar parte importante do bailado junino. Lembrando também que saias menos armadas também possuem seus valores estéticos e de movimentos e efeitos coreográficos (Lima, 2025).

Portanto, a partir das entrevistas, considero que as saias de armação mantêm forte ligação estética, identitária, técnica, simbólica e social na dança junina. Contudo, vale enfatizar que incutido no uso das saias armadas há um ambiente de idealização ao que convencionou-se chamar de “feminilidade”. Esse viés hegemônico está estabelecido e padronizado na dança desde a sua origem, sendo resgatado e remodelado, mas sempre reforçando esse ideal de expressão do corpo que dança com a saia. Essa tendência se revela fiel às que encontram nessa

⁴ Mulher trans, negra, quadrilheira, figurinista, projetista, apresentadora, produtora cultural e diretora de formação economia criativa diversidade e segmentos artísticos.

forma de vestimenta um local para reforçar sua expressão de gênero, como observo que seja o caso de algumas damas mulheres trans e homens cis que se transvestem de damas juninas, o que é legítimo e extremamente importante para a reflexão dessas expressões de gênero. Em contrapartida, para outras damas, como para mim (mulheres cis) pode tornar-se um local de aprisionamento do corpo, uma vez que a saia é utilizada em função da espetacularização e não da emancipação dos corpos que as vestem.

Considerando o modo como meu corpo vivencia o ciclo junino dentro desta tradição, este cenário inviabiliza o sentido da proposta pelos elementos simbólicos construídos pela quadrilha junina ao longo da história. Portanto, questiono: se eu quiser dançar sem saia, deixarei de ser uma dama junina? Para que meu corpo brincante, seja legitimado como feminino-junino, preciso estar com uma saia extremamente armada, que me desgasta fisicamente e que torna meu corpo mais estático em cena? Muitas mulheres cis, como eu, vivenciaram desde a infância diversos processos de castração dos seus próprios corpos. Ironicamente, ao mesmo tempo que encontramos na dança um espaço de acolhimento, muitas dessas mulheres podem reviver experiências semelhantes a partir das vestimentas que utilizam.

Atravessada por esses questionamentos, olho para o cenário atual, cada vez mais competitivo e espetacular, onde o uso das saias de armação tornaram-se um padrão de beleza e estética ideal. Os grupos juninos na RMR majoritariamente repetem o estilo de saia anualmente, considerando que essas saias são o reflexo da feminilidade de suas damas e do seu poder em relação a outros grupos. E mais um questionamento surge: o porquê disso? Já que as quadrilhas possuem total liberdade para produzir suas saias da forma que acharem mais adequada, criativa e versátil. Percebo que não há abertura para esse debate dentro da comunidade junina. A saia de armação se estabeleceu e ponto final, e com o seu volume, fecharam-se as arestas para a conscientização de seu uso.

Portanto, a escolha e a tomada de consciência da revisão desses parâmetros que tocam a experiência das damas na quadrilha junina, tornam-se fundamentais para que os quadrilheiros construam um espaço reflexivo, a fim de olhar para as realidades de diferentes damas. Imagino como seria a experiência do dançar se houvesse uma democratização quanto às vestimentas a serem apresentadas, como seria o nosso ciclo junino se os grupos experimentassem outros formatos de saias e

sobretudo, como a comunidade se fortaleceria se houvessem dinâmicas menos impositivas e mais emancipatórias do corpo feminino. Embora ainda dancemos conforme manda o figurino, é necessário reparar!

Memórias costuradas pelas saias armadas

Algo que percebi durante a minha primeira experiência na quadrilha junina é que às damas são impostas diversas exigências relacionadas à aparência. Enquanto as damas passam por um longo processo de "montação", ou seja, preparação com cabelo, maquiagem, unha, vestimenta, etc., os cavalheiros não precisam passar por este mesmo processo. Assim como é na vida cotidiana, ao papel da mulher lhe é atribuído através da pressão estética uma série de exigências aos quais injustamente não é atribuída ao papel do homem da mesma maneira. Na quadrilha junina percebo que isso acontece de um modo mais expressivo, de modo que as damas são exigidas a performar uma feminilidade exacerbada, enquanto que os cavalheiros fazem o mesmo com a masculinidade em termos de realização das coreografias.

Para mim, mulher cisgênero, pansexual e me entendendo como uma pessoa mestiça, filha de um casamento interracial, considero a necessidade de discussão de aspectos que ditam não somente uma estética, mas uma política que pode corroborar ou problematizar as injustiças sociais ligadas ao meu corpo e ao corpo de muitas outras pessoas quadrilheiras. Pois, enquanto eu passava horas me "montando", percebia que a obrigação dos meus cavalheiros era somente a de vestir seu figurino e já estava pronto. Então, entendi e continuo compreendendo que as imposições estéticas atribuídas a minha experiência como mulher, de um modo geral, são reforçadas e legitimadas neste espaço de dança, sendo apreendidas por mim como uma restrição do meu corpo em função dos espetáculos.

Neste espaço ou você dança como "racha" ou como "boy", como ouvi de um dos coreógrafos. Ou melhor dizendo, assim que chegamos já somos separados em damas ou cavalheiros. Por isso, desenvolvemos no corpo um trejeito que configura a performance social incutida na brincadeira junina. Quanto a essa questão, embora a quadrilha de uma maneira geral tenha passado por variados processos de transformação, a preocupação nesta dança continua sendo a de reforçar estereótipos de gênero que são construídos socialmente e revelados na dança. E

nesse sentido, as saias de armação aparecem como símbolo de reforço desse local de identificação.

Para Carli, as saias armadas possuem uma relação direta com as questões de gênero, como ela explica:

Sim, nesse contexto eu identifico sim o recorte social como questões de gênero e questões de sexualidade. Na questão das saias, como eu havia falado, a saia é uma extensão da dama. Então ela é um importante componente para que a dama possa bailar e mostrar sua graciosidade, mostrar sua feminilidade, mostrar sua ternura, mostrar sua delicadeza, mostrar sua firmeza, mostrar sua técnica, mostrar o seu íntimo. Então acaba refletindo nessas questões de gênero, nessas questões de sexualidade, porque cada uma vai criar uma identidade a partir do mecanismo que é a saia para poder expressar a sua dança, para poder expressar a sua arte, para poder expressar o seu estado de espírito. E aí eu acho que é onde entra essa questão desse recorte social, é onde entra também as questões que estão associadas à estética. Quando a gente percebe hoje que as meninas às vezes exageram. Exagero: ali no volume de uma saia de armação para buscar uma estética perfeita ou mesmo impactante (Lima, 2025).

Ademais, a técnica e a estética, como menciona Zaratim (2020, p.190) têm o poder de modificar a percepção popular. O que antes era espontâneo e comunitário, hoje é cuidadosamente planejado para atender às exigências das competições. Dessa forma, as saias deixam de ser apenas um traje para se tornarem um símbolo do espetáculo junino. Símbolo este, que cada vez mais é reproduzido e assistido nos arraiais. Portanto, podemos afirmar que alguns grupos juninos possuem a saia de armação como um padrão de vestimenta, de forma que todos os anos, mesmo como a alteração do tema e conseqüentemente a flexibilização para a criação de novas vestimentas, a saia de armação sempre permanece presente.

O uso das saias de armação são escolhidas pelas quadrilhas muitas vezes não de acordo com a escolha do seu tema, mas com a preferência das damas que compõem os grupos. Em muitos momentos ouvi de alguns dizer que “se a saia não tiver armação, eu não danço”. Por isso, suponho que esse tipo de fala desestimula as direções a pensarem figurinos com saias menos armadas até mesmo quando é da vontade deles fazê-lo, ficando limitados a um só tipo de produção de vestimenta. Em relação a este aspecto, Leila relata:

Em 2019 foi o ano que a gente trouxe a saia de armação mais próxima do padrão, digamos assim. (...) Bastante volumosa, com viés na ponta do bico, do tule, que é o material usado normalmente para a saia de armação. (...) E a gente dançava segurando nela e dançando com ela. Então eu senti realmente também essa limitação na dança. Tanto em termos de movimentos, uma variedade de movimentos que se reduz com essa saia, quanto na questão da resistência física mesmo. É um ano que eu

particularmente cansava muito, porque o peso daquela saia já tomava conta (Nascimento, 2025).

Para Carli, essa insistência no uso das saias armadas limita não somente o corpo, mas também as possibilidades a serem construídas com a vestimenta a partir dos espetáculos juninos, já que esta possui relação intrínseca com o corpo. Segundo ela:

Ter armação ou não é um mero detalhe, porque ela apresenta uma grande diversidade que pode ser explorada pelos produtores, que pode ser explorada pelos figurinistas, pelos próprios brincantes, pelas damas da quadrilha, principalmente. E é preciso que exista sempre um estudo de como a gente pode cada vez mais potencializar essa peça que é tão primordial. E ela tem, sim, uma relação com o corpo muito forte, muito direta (Lima, 2025).

Quanto ao que se refere ao transporte das saias de armação, desde a ida aos locais de ensaio, as saias já me desgastam fisicamente e sobretudo até o deslocamento para os locais de apresentação. Isto se dá, pois a direção não tem uma logística para guardar as saias nem durante o processo de ensaio, nem durante o ciclo de apresentações, sendo cada dama junina responsável pelas suas saias. Apesar de serem, as saias não são consideradas pela direção como elementos cênicos nos espetáculos, portanto não há adequação a essa realidade para haver uma facilitação no ato de carregar essa vestimenta até o local, seja de ensaio ou de apresentação, gerando desgastes físicos a estas damas desde o percurso para determinados locais, sejam de apresentações ou ensaios.

Sobre isto, observei que as damas da quadrilha possuem uma preocupação constante com seus cavalheiros, pois estes realizam um papel fundamental em ajudá-las, principalmente quando se trata de carregar o peso das saias durante os deslocamentos para os ensaios e apresentações. A diferença entre um "bom cavaleiro", que oferece apoio e colaboração, e um "cavaleiro ruim", que não se importa com a dama, ficou bem clara para mim. Esse aspecto da relação entre os dançarinos me fez perceber como a vestimenta e os gestos de ajuda mútua contribuem para a construção do pertencimento dentro do grupo, refletindo também a questão do transporte dessas saias.

No ano de 2024, a experiência de usar a saia pra mim modifica-se de forma intensa. Com o espetáculo *A Engrenagem Que Nos Move (2024)*, pude vivenciar o uso da saia sem armação. Apesar de ser desafiadora no sentido da técnica da

dança, percebo no corpo a facilidade do uso no sentido da leveza e das possibilidades de movimentos proporcionadas por esse tipo de saia. A estética da *Quadrilha Junina Raio de Sol* com este espetáculo se aproxima da abordagem da minha pesquisa em muitos aspectos, desde a tensão entre tradição e contemporaneidade, que o espetáculo traz à tona de forma assertiva, até às exigências na aparência da maquiagem que também eram atribuídas aos cavalheiros de forma semelhante às das damas.

Portanto, a partir das observações e concepções trazidas neste último momento, proponho enfatizar a importância da conscientização por parte dos fazedores da quadrilha junina sobre os impactos causados pelas saias de armação, já que geram preocupações entre as damas, além do desgaste físico que é marcante no rendimento corporal das brincantes. Cabe aqui repensar o modo de observação da saia armada, responsabilizando somente a dama a sempre carregar sua saia e compreender que essa indumentária também é cênica e, portanto, deveria ser transportada pelos caminhões que carregam os cenários e elementos cênicos existentes nos espetáculos juninos.

Linha e agulha na bolsa: uma breve problematização sobre os reparos nas vestimentas juninas

Como dito anteriormente, na atualidade, as quadrilhas participam todos os anos de diversos concursos, que são julgadas de acordo com suas coreografias, repertório musical, casamento, marcador/marcatriz, conjunto e inclusive pelo figurino. Por isso, a atenção para a vestimenta se torna, nesse contexto competitivo, de extrema importância, levando a direção executiva dos grupos a uma atenção maior, pois é necessário cumprir as exigências dos regulamentos elaborados pelos concursos juninos. Por essa perspectiva, o foco nas competições e sua maior visibilidade na mídia também influenciam a padronização estética, incentivando a busca pelo impacto visual.

Na maior parte dos regulamentos das competições juninas, o que é avaliado sobre figurino se estabelece majoritariamente pela leitura do tema refletida pela vestimenta. No regulamento do *Festival de Quadrilhas Juninas da TV Globo de 2024*, por exemplo, no item “figurino”, observa-se: “Julgam-se a harmonia e o equilíbrio no uso das cores, valorizando-se a criatividade, o material utilizado, a

confeção e a sintonia com o tema apresentado”. Já no regulamento do 38º *Concurso de Quadrilhas Juninas Adultas Ciclo 2024* da prefeitura do Recife, lê-se no item figurino: “É a visão plástica da Quadrilha Junina. Analisa-se a criatividade, a originalidade e a funcionalidade, em relação ao tema escolhido”.

Após as estreias dos espetáculos, percebi então que é tido como comum, principalmente, que o figurino acabe precisando de ajustes, gerando o costume, entre os quadrilheiros, possuir quase sempre a linha e a agulha na bolsa para consertos e ajustes necessários para manutenção do seu traje. De início, por uma questão de inexperiência, eu não compreendia muito bem a causa disto, mas, com o passar dos anos, fui compreendendo um pouco mais profundamente e levantando algumas hipóteses com a minha observação.

Conforme percebo, a questão com as vestimentas inicia-se quando os diretores dos grupos planejam o figurino apartado da quadrilha, na maioria das vezes sem ensaiar com a roupa e só a utilizando praticamente nas estreias. Na maioria das quadrilhas da RMR, não se testa o figurino previamente e, quando eventualmente isto acontece, ele não é vestido por completo. Praticamente os figurinos apenas são experimentados no corpo durante as estreias dos espetáculos e então muitas vezes os ajustes necessários são realizados durante o ciclo junino e não de forma antecipada. Por isso, linha e agulha na bolsa dos quadrilheiros é parte do costume para solucionar qualquer defeito no figurino antes das apresentações.

Quanto ao financiamento, cada componente é responsável pelo pagamento do seu próprio figurino, inclusive, muitas vezes, até mesmo participando de apresentações externas durante o carnaval ou eventos em que a quadrilha é convidada para obter valores que posteriormente serão direcionados à quitação da vestimenta. Neste sentido, algumas ações para facilitar o pagamento entre os brincantes é proposta pela quadrilha, como a realização de rifas, bingos, etc. Os valores a serem pagos pelos figurinos variam de uma quadrilha para outra. Segundo dados recentemente publicados no site *DIÁRIO DO NORDESTE* (2024): os grupos *Valente Coração* e *Geração Junina* costumam pagar R\$300 (par), entretanto pela minúcia do trabalho o valor de cada figurino costuma ser elevado, e pode custar até mais de R\$2 mil reais.

Ainda que os custos sejam altos, em ambos os grupos em que vivenciei a quadrilha, percebi que em dado momento os brincantes são chamados para finalizar

suas próprias vestimentas, ou seja, não recebemos os figurinos completos, sendo nós os responsáveis pela finalização da vestimenta. Logo, o corpo brincante desta dança financia, finaliza a confecção da indumentária e ainda por muitas vezes precisa fazer a manutenção da roupa, seja costurando, colando alguma peça que eventualmente descolou, bordando-a, etc.

Vale destacar que a produção e utilização dos figurinos, se dá anualmente e de acordo com cada temática escolhida pelos grupos, a ser desenvolvida e contada também através dos figurinos. Sendo assim, os componentes a cada ano precisam passar por todo o processo de aquisição, produção e manutenção de seus próprios figurinos.

Percebo que este aspecto da manutenção das vestimentas, de certa forma, carece de uma atenção maior das direções que produzem os grupos juninos anualmente e que esse movimento do próprio brincante em finalizar sua vestimenta enfraquece o mercado das costureiras, aderecistas e fazedores da costura junina, que poderiam ser contratadas para realizar o trabalho de produção de uma forma mais concreta. Portanto, há uma fragilidade no aspecto organizacional quanto ao que toca a operação dos modos de facilitação da experiência dos que estão na quadrilha apenas para dançar.

Para alguns brincantes essa função a ser desempenhada com a sua própria vestimenta pode ser satisfatória. Para outros, como é pra mim, um tanto inadequado, pois considero outros processos que impactam e demandam do brincante concentração de renda, de tempo e de presença para sua inteireza nos arraiais. Além de que o alto investimento financeiro para as vestimentas também pode ser um impeditivo para a inserção e/ou manutenção dos seus brincantes ano a ano nos espetáculos. Por isso considero que os reparos nas vestimentas não deveriam ser desviados da atenção de quem as produz, obviamente considerando caso a caso, mas um trabalho articulado desde a estreia até a finalização dos espetáculos.

Através das problemáticas expressas neste tópico, sugiro que sejam propostas como mediações entre os componentes e as direções juninas, a prática do diálogo para pensar possíveis soluções que viabilizem a produção e a manutenção dos figurinos. Geralmente, esses espaços de conversa sobre as insatisfações que tocam a experiência de dançar quadrilha acabam por serem

inexistentes. Por isso, acredito que expressar ideias que auxiliem a reflexão crítica desses processos de operação da prática pode encontrar soluções mais concretas e integrativas de acordo com cada realidade entre os grupos juninos.

Alinhamentos finais

Com a intenção de contribuir para a reflexão de questões emergentes no campo da dança sob a ótica da vestimenta junina, este artigo teve como principal objeto de observação a minha experiência na condição de dama junina utilizando saias de armação ao longo da minha trajetória artística e a interlocução pelos atravessamentos do problema da pesquisa pelas duas mulheres, artistas quadrilheiras, entrevistadas e autores pesquisadores da área.

A fim de tensionar crítica e reflexivamente a tradição e a contemporaneidade da dança junina, questionando sobre sua validação por quem a consome, a reprodução de padrões no feminino-junino enquanto mulher cis, através das pressões estéticas incluídas neste contexto e trazendo apontamentos das memórias corporificadas pelo corpo que veste saia e reflexões sobre os reparos dos figurinos ao desenvolver a escrita deste artigo, foi possível reconhecer a estrutura social e comunitária que baseia a quadrilha junina.

Por isso, não pretendo dar respostas conclusivas, mas provocar reflexões sobre as diferentes camadas intrínsecas às saias para os possíveis desdobramentos da pesquisa com quem compartilho a vivência do dançar/pesquisar, ao trazer à tona questões pouco discutidas na comunidade junina. O que está posto aqui não é uma finalização deste estudo, mas o início da discussão de um recorte que atravessa a análise do passado, a reflexão do presente em diálogo com o futuro, considerando que pontuar e problematizar as questões observadas ao longo do texto tornam-se ações desafiadoras já que toca em questões subjetivas sobre a experiência de ser uma dama junina.

Ao revisitar minhas memórias para escrever este artigo, percebo a complexidade das questões elencadas e discutidas, mas compreendo a potencialidade e a importância de trazê-las à tona. Perceber-me como dama junina sendo atravessada por problemáticas enraizadas no meu cotidiano como mulher, sobretudo dentro de um coletivo que brinca, dança e celebra, me traz um sentimento de desconforto e prazer ao mesmo tempo.

Portanto, espero que o que discuto aqui possa ressoar nas costuras da comunidade junina como um convite à escuta sensível. Que as damas, os brincantes, as direções dos grupos possam repensar as estruturas simbólicas que sustentam a tradição, entendendo que dançar também é um ato político e vestir-se

não deveria limitar os corpos. É o momento de repensar o figurino, de perceber que outras saias, outros corpos e outras expressões podem ser experimentadas e, no quadrado das memórias e da arte, merecem seu devido espaço.

As saias que vesti guardam mais que tecidos e armações, carregam um tempo de descobertas, incômodos, prazeres e resistências. Esta escrita é minha forma de abordar com palavras aquilo que vivi e aquilo que desejo ver mudando nessa tradição. Por isso, desejo que os pontos, os fios, os bordados e babados deste artigo possam encontrar ressonância em outros corpos que dançam, pesquisam e resistem. Sigamos bordando, entrelaçando e costurando novas possibilidades para o futuro da nossa quadrilha e que o sagrado junino aqueça os corações de quem nos trouxe até aqui.

Referências

ALMEIDA, Magdalena e LÉLIS, Carmem (orgs.). *Quadrilha Junina História e Atualidade: um movimento que não é só imagem*. Recife, Ed. Prefeitura da Cidade do Recife, 2000. p. 24.

DIÁRIO DO NORDESTE. *Quadrilheiros cearenses vendem quentinhas, alugam roupas e organizam vaquinhas para custear figurino*. *Diário do Nordeste*, Fortaleza, 06 mar. 2024. Disponível em: <https://diariodonordeste.verdesmares.com.br/verso/quadrilheiros-cearenses-vendem-quentinhas-alugam-roupas-e-organizam-vaquinhas-para-custear-figurino-1.3522724>. Acesso em: 04 abr. 2025.

GOVERNO FEDERAL. *Quadrilha Junina é reconhecida como manifestação da cultura nacional*. *Ministério da Cultura*, 2024. Disponível em: <https://www.gov.br/cultura/pt-br/assuntos/noticias/quadrilha-junina-e-reconhecida-como-manifestacao-da-cultura-nacional>. Acesso em: 04 abr. 2025.

MARTINS, Leda Maria. *Performances do tempo espiralar: poéticas do corpo-tela*. Rio de Janeiro: Cobogó: Aícha Barat, 2021. p. 34.

MENÊZES, Rayssa Moreira Bezerra de. *O figurino na dança: a confecção de uma peça sob duas versões*. 2016. Trabalho de Conclusão de Curso (Licenciatura em Dança) – Universidade Federal do Rio Grande do Norte, Natal, 2016. p. 9.

MENEZES NETO, Hugo. *O balancê no Arraial da Capital: quadrilha e tradição no São João do Recife*. Recife: O Autor, 2009. p. 19-21.

MINAYO, Maria Cecília de Souza. *Pesquisa social: teoria, método e criatividade*. 31. ed. Petrópolis, RJ: Vozes, 2012. p. 60-63.

MANHÃES, Juliana Bittencourt. *A performance do corpo brincante*. In: ENCONTRO DA ASSOCIAÇÃO NACIONAL DOS PESQUISADORES EM ARTES CÊNICAS (ABRACE), 6., 2010, Salvador. *Anais eletrônicos...* Salvador: ABRACE, 2010. Disponível em: <https://iar.unicamp.br/publionline/abrace/hosting.iar.unicamp.br/publionline/index.php/abrace/article/view/3410.html>. Acesso em: 10 abr, p. 2, 2025.

NASCIMENTO JUNIOR, José Roberto do. *Entre damas e “outras damas”: um estudo sobre as travestilidades nas quadrilhas juninas da Região Metropolitana do Recife*. 2017. Trabalho de Conclusão de Curso (Licenciatura em Dança) – Universidade Federal de Pernambuco, Recife, 2017. p. 29-33.

RECIFE. *Regulamento do 38º Concurso de Quadrilhas Juninas Adultas*. 2024. Disponível em: https://www.culturarecife.com.br/public/documentos/regulamento_quadrilha_2024/REGULAMENTO%20DO%2038%C2%BA%20CONCURSO%20DE%20QUADRILHAS%20JUNINAS%20ADULTAS.pdf. Acesso em: 18 mar. 2025.

SANTOS, Vanessa Soares dos. *Cultura popular e o modo de vida brincante: costurando linhas de vida na perspectiva das africanidades*. 2019. 179 f.

Dissertação (Mestrado em Educação) – Universidade Federal de São Carlos, Programa de Pós-Graduação em Educação, Sorocaba, p. 96, 2019.

SILVA, Alissan Maria da. Memórias e trânsitos: saias na rua. *Revista Percevejo*, Rio de Janeiro: UNIRIO – Programa de Pós-Graduação em Teatro, v. 12, n. 11, 2020. p. 11.

TV GLOBO. *Regulamento do Festival de Quadrilhas TV Globo 2024 – Pernambuco*. 2024. Disponível em: https://s3.glbimg.com/v1/AUTH_8b29beb0cbe247a296f902be2fe084b6/arquivos-gerais/regulamento-festival-quadrilhas-tvglobo-2024-pernambuco.pdf. Acesso em: 18 mar. 2025.

ZARATIM, Samuel Ribeiro. *A performatividade das quadrilhas juninas: reminiscências da tradição e a espetacularização da dança*. 2020. Tese (Doutorado em Performances Culturais) – Universidade Federal de Goiás, Faculdade de Ciências Sociais, Programa de Pós-Graduação em Performances Culturais, Goiânia, 2020. p. 190.

ANEXO E:

Universidade Federal de Pernambuco
Centro de Artes e Comunicação
Departamento de Artes
CURSO DE DANÇA
Trabalho de Conclusão de Curso em Pedagogia da Dança 2

ATA DE DEFESA DE TCC

Título do Trabalho de Conclusão de Curso: **Quadrilha junina: armando reflexões das vestimentas que figuram memórias no corpo que dança com saia**

Discente: **Bruna Letícia Souza Leite**

Orientador/a: Gabriela Santos Cavalcante Santana

Examinador/a 1- Interno/a: Roberta Ramos Marques

Examinador/a 2 – Convidado/a: José Roberto Nascimento Junior

	EXAMINADOR 1	EXAMINADOR 2	ORIENTADOR	MÉDIA
NOTA S	9,5	9,8	9,8	9,7

A banca considerou o/a discente:

- a) Reprovado/a em TCC2 (média menor que 3,0);
- b) Reprovado/a e encaminhado para exame final (média entre 3,0 e 6,9);
- c) Aprovado/a com ou sem sugestões de ajustes (nota 7,0 a 10,0).

Com a média final 9,7 (Nove vírgula sete)

Documento assinado digitalmente
 **ROBERTA RAMOS MARQUES**
Data: 08/05/2025 16:01:53-0300
Verifique em <https://validar.iti.gov.br>

Documento assinado digitalmente
 **JOSE ROBERTO DO NASCIMENTO JUNIOR**
Data: 07/05/2025 21:04:18-0300
Verifique em <https://validar.iti.gov.br>

Assinatura Examinador/a 1 – Interno/a

Documento assinado digitalmente
 **GABRIELA SANTOS CAVALCANTE SANTANA**
Data: 08/05/2025 22:45:31-0300
Verifique em <https://validar.iti.gov.br>

Assinatura do/a Orientador/a

Assinatura Examinador/a 2 – Convidado/a

Documento assinado digitalmente
 **BRUNA LETICIA SOUZA LEITE**
Data: 08/05/2025 22:55:11-0300
Verifique em <https://validar.iti.gov.br>

Assinatura do/a Discente

Recife (PE), 07 de maio 2025